

QUANDO A PALAVRA QUER SER LIVRE: a condução de roda de conversa com recuperandos da APAC Santa Luzia¹

Hélio Cardoso Miranda Júnior²

Ana Laura Milânio Gomes³

Camila Maria Pereira Pascoal⁴

Laura Alvarenga de Souza⁵

Vitoria Borges Almeida⁶

RESUMO

Este artigo descreve as rodas de conversa realizadas durante um semestre no projeto de extensão “Escuta Psicológica no Sistema Prisional”, da PUC Minas. O objetivo principal foi promover escuta qualificada, responsabilização subjetiva e fortalecimento de vínculos entre recuperandos em contexto prisional. As intervenções foram embasadas em autores como Pichon-Rivière e Maria Lúcia Afonso, que compreendem o grupo como espaço de expressão do inconsciente social e de construção da identidade coletiva. A metodologia favoreceu a circulação da palavra nas rodas de conversa, promovendo coesão grupal e transformação subjetiva. As oficinas foram planejadas com base nas demandas dos próprios recuperandos, alinhadas às diretrizes do projeto e aos objetivos da extensão universitária. Os resultados evidenciaram a eficácia da escuta implicada e da construção de vínculos, proporcionando espaços coletivos de fala e processos de responsabilização e ressignificação das vivências dos participantes. Para as extensionistas, a experiência contribuiu para o desenvolvimento de habilidades teóricas e práticas, ressaltando a importância de futuras pesquisas sobre práticas psicossociais em contextos de privação de liberdade.

Palavras-chave: APAC; roda de conversa; psicologia; grupos; sistema prisional.

RESUMEN

Este artículo describe los círculos de diálogo realizados durante un semestre en el proyecto de extensión "Escucha Psicológica en el Sistema Penitenciario", de la PUC Minas. El objetivo principal fue promover una escucha calificada, la responsabilización subjetiva y el fortalecimiento de vínculos entre los recuperandos en contexto de privación de libertad. Las intervenciones se fundamentaron en autores como Pichon-Rivière y Maria Lúcia Afonso, quienes entienden el grupo como un espacio de expresión del inconsciente social y de construcción de la identidad colectiva. La metodología favoreció la circulación de la palabra, promoviendo cohesión grupal y transformación subjetiva. Los talleres fueron planificados a partir de las demandas de los propios recuperandos, en consonancia con las directrices del proyecto y los objetivos de la extensión universitaria. Los resultados evidenciaron la eficacia

¹ O projeto de extensão Escuta Psicológica nas APACS é fomentado pela Pró-Reitoria de Extensão da PUC Minas (PROEX).

² Professor Doutor Hélio Cardoso Miranda Júnior docente do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: mirandahelio@yahoo.com.br

³ Graduanda da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, E-mail: analaura.milaniogomes@gmail.com

⁴ Graduanda da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, E-mail: camilampereirap@gmail.com

⁵ Graduanda da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, E-mail: lauraalvsouza@hotmail.com

⁶ Graduanda da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, E-mail: almeidaborges2001@gmail.com

de la escucha implicada y la construcción de vínculos, generando espacios colectivos de palabra y procesos de responsabilización y resignificación de vivencias. Para las extensionistas, la experiencia contribuyó al desarrollo de habilidades teóricas y prácticas, destacando la relevancia de futuras investigaciones sobre prácticas psicosociales en contextos de encierro.

Palabras-chave: APAC; círculo de diálogo; psicología; grupos; sistema penitenciario.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como material para discussão a experiência vivenciada por alunas extensionistas do curso de Psicologia, integrantes do projeto de extensão universitária “Escuta Psicológica no Sistema Prisional”, realizado na Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC) de Santa Luzia (MG). Atualmente, o projeto é coordenado pelo professor Dr. Hélio Cardoso Miranda Júnior, do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, e pela professora Maria Carmem Schettino Moreira, da Faculdade de Psicologia da PUC Minas. A atuação das extensionistas fundamenta-se no princípio de que a escuta psicológica em contextos de privação de liberdade constitui-se como dispositivo clínico-político e, por isso, o projeto ancora-se na premissa de que a palavra, quando acolhida e autorizada a circular, pode operar deslocamentos subjetivos e novas leituras das experiências vividas. Dessa forma, a prática extensionista alinha-se à política de extensão universitária da PUC Minas, reafirmando o compromisso com “a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, mediante ações dialógicas e transformadoras, orientadas pela formação crítica e ética, em consonância com as demandas sociais e os direitos humanos” (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2006).

O sistema carcerário brasileiro enfrenta desafios desde seus primórdios, como a superlotação, a precariedade das instalações, a reincidência criminal e a ausência de políticas efetivas de ressocialização (Prudente, 2023). Esses desafios marcam os impasses do setor carcerário desde sempre e se mantêm até os dias atuais, porém exprimem também o valor de estudos que contemplem um novo modelo de encarceramento, como o caso das APACs. Idealizado e fundado pelo advogado brasileiro Mário Ottoboni, o modelo é baseado em doze elementos que são: participação da comunidade; auxílio mútuo entre os recuperandos; trabalho; assistência jurídica; espiritualidade; assistência à saúde; valorização humana; família; voluntariado, que inclui o curso para sua formação; Centro de Reintegração Social (CRS); o mérito e a jornada de libertação com Cristo (FBAC, [s.d.]).

Alinhados aos pilares de participação da comunidade e assistência à saúde, o trabalho da Psicologia se insere pelo projeto de extensão “Escuta Psicológica no Sistema Prisional”,

mediante o entendimento de que a assistência à saúde vai além do corpo físico, compreendendo também a esfera psíquica. Para tanto, as atividades do Projeto contam com nove extensionistas e envolvem atendimento individual com recuperandos que manifestem interesse em receber essa assistência psicológica (cada extensionista atende em psicoterapia um recuperando durante todo o semestre), e a roda de conversa com os recuperandos novatos da instituição e quaisquer outros que queiram participar. Nesse cenário, compreende-se que a escuta psicológica exercida, em sua vertente grupal, pode possibilitar uma abertura aos espaços de fala entre os recuperandos e acolher as marcas do sofrimento inscritas na história individual e coletiva, ao mesmo passo que pode favorecer os laços sociais dentro da instituição, além de favorecer a adaptação ao modelo.

Sob essa perspectiva, a experiência relatada neste artigo propõe problematizar a construção e sustentação de rodas de conversa no interior da APAC Santa Luzia, concebidas como espaços de elaboração coletiva que, ao modo de oficinas grupais (Afonso, 2018), possibilitam a circulação da palavra, a emergência do conflito e a produção de novos sentidos para as experiências de sofrimento, exclusão e violência.

Assim, propõe-se nesse artigo, não a apresentação de um método acabado, mas sim um relato que, ao modo de um ateliê coletivo, expõe marcas, reparos, acertos e efeitos de uma roda de conversa construída no interior de uma unidade masculina da APAC. Essa experiência acontece guiada por uma teoria que considera o grupo como um instrumento de intervenção psicossocial capaz de promover identificações, resistências, além de um dispositivo de mobilização subjetiva em territórios de vulnerabilidade (Afonso, 2018). Desse modo, ao relatar essa experiência, buscamos refletir sobre as potencialidades e os impasses da escuta em grupo em contextos de privação de liberdade, considerando as especificidades da proposta da APAC e os atravessamentos que ela apresenta ao fazer extensionista.

2 METODOLOGIA

Para a elaboração deste artigo, optou-se por uma abordagem qualitativa de natureza exploratória e descritiva, entendendo que tais perspectivas permitem uma aproximação mais sensível e crítica aos fenômenos emergentes nas práticas em saúde mental, especialmente em contextos de vulnerabilidade social (Minayo, 2014). Ademais, o formato de relato de experiência não será compreendido aqui apenas como descrição linear de procedimentos, mas como produção de saber situada e implicada com atravessamentos institucionais, subjetivos e sociais que permeiam o campo da escuta psicológica no contexto prisional.

Segundo Pichon-Rivière (2005), o grupo se constitui como um espaço de emergência do inconsciente social, no qual as produções simbólicas, afetivas e discursivas dos sujeitos revelam as marcas do mal-estar social e abrem caminho para um processo de elaboração coletiva. Para o autor, o inconsciente coletivo é definido como o conjunto de significações, fantasias, medos e desejos compartilhados por um grupo social e historicamente determinado. Nessa perspectiva, a metodologia das rodas de conversa foi pensada de maneira experimental com o objetivo de abrir canais de circulação da palavra entre os recuperandos. O grupo de extensionistas estava composto por nove novas integrantes e uma integrante que pertencia à equipe anterior de extensionistas. Esta última compartilhou com a equipe que houve dificuldade em fomentar a fala dos recuperandos no semestre anterior, de modo que as rodas de conversa acabaram se organizando de forma assimétrica, muito dependentes da fala das próprias extensionistas.

Em resposta a esse apontamento, a proposta metodológica naquele momento foi a de uma construção que revertesse esse cenário, o que implicou uma perspectiva que não contemplasse a identidade grupal como prévia ou fixa, mas que se construísse na relação dialética entre tarefa, vínculo e contexto (Pichon-Rivière, 2005). Concomitante a isso, consideramos, como Afonso (2018) enfatiza, que a identidade de um grupo não se produz por uma simples aglomeração de indivíduos, mas por meio de um trabalho simbólico que permita a circulação da palavra, o exercício da escuta ativa e o reconhecimento da alteridade.

Diante disso, a partir desse referencial, delineou-se que o ideal seria instigar um processo de implicação subjetiva dos participantes, em que cada integrante do grupo fosse convocado a se responsabilizar pela construção do diálogo. Com essa finalidade, concluímos que a proposta seria buscar temas que pudessem convocar pontos de consonância entre os recuperandos, para que todos se sentissem de alguma forma incluídos nas discussões, e a palavra pudesse circular de maneira livre. Assim, ainda que os temas partissem do coletivo, a subjetividade de cada um poderia aparecer e favorecer o processo de emergência da alteridade. Como reforça Afonso (2018), o encontro com o outro, em sua diferença e sua singularidade, é o que possibilita a construção de vínculos e de um espaço de fala genuinamente coletivo.

Ademais, compreendemos, ainda, que a construção do vínculo também se dá na relação entre extensionistas e recuperandos, sendo atravessada por relações subjetivamente significativas que sustentam a confiança necessária para o trabalho de escuta. Para isso, além da escuta temática, propuseram-se atividades iniciais – como dinâmicas de integração – que funcionassem como facilitadoras da participação e instigadoras da formação de vínculos. Com isso, as extensionistas decidiram participar ativamente dessas práticas, entendendo que o lugar ocupado por elas no grupo era também de implicação e escuta. Mediante tais constatações,

além de solicitarmos aos próprios recuperandos temas que eles tivessem interesse em discutir, propusemos no primeiro encontro uma atividade inicial, o que foi bem aceito por eles. Todas as demais atividades iniciais foram planejadas de acordo com o tema gerador, com a finalidade de proporcionar conforto dos participantes e suscitar o início das falas.

A partir das sugestões dos recuperandos, foram escolhidas as temáticas após o primeiro encontro, o que será descrito na seção seguinte. Assim, a equipe pôde discutir e planejar que técnicas grupais, textos, poemas, músicas e perguntas disparadoras seriam propostas para cada encontro. A equipe realizava supervisões semanais com os coordenadores do Projeto, nas quais eram discutidos os planejamentos e as vivências relatadas em campo, o que servia de material para planejar a roda de conversa seguinte. A roda de conversa contava com cerca de trinta recuperandos, além das dez extensionistas que se dividiam da seguinte forma: três na condução, três como apoio e quatro na observação, circulando as tarefas em cada roda.

Portanto, a metodologia adotada neste trabalho procurou articular os fundamentos teóricos listados à prática extensionista no contexto prisional da APAC, priorizando a construção de vínculos, a escuta e a circulação da palavra para os fins desejados. Foram realizadas cinco rodas de conversa, com duração média de uma hora cada uma; elas ocorriam a cada quinze dias. Conforme destacam Pichon-Rivière (2005) e Afonso (2018), a roda de conversa, enquanto espaço grupal, não se limita à transmissão de conteúdos, mas opera como um campo de elaboração psíquica e de constituição simbólica da identidade grupal. Diante disso, compreendemos que a finalidade da roda de conversa reside na possibilidade de mobilizar processos de escuta, pertencimento e ressignificação. Na seção seguinte, serão apresentados os modos como essa proposta metodológica foi efetivada na prática e os principais atravessamentos observados ao longo das oficinas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 O primeiro contato

No primeiro contato com os recuperandos, foi realizada uma apresentação com o objetivo de iniciar a construção de vínculo, aspecto fundamental nas práticas grupais e que, na perspectiva psicanalítica, se sustenta sobre a noção de transferência, elemento estrutural na constituição do laço terapêutico (Freud, 1996). Esse momento inaugural foi conduzido com a disponibilização de um microfone a cada extensionista, que se apresentou mencionando seu nome e uma expectativa ou mensagem direcionada ao grupo. Por iniciativa dos próprios

recuperandos, a apresentação foi seguida de uma oração e de um louvor entoado por eles em agradecimento às extensionistas. Tal gesto deve ser compreendido à luz do importante papel que a religiosidade desempenha na APAC, atravessando de forma constitutiva muitas de suas práticas institucionais e simbólicas (Ottoboni, 2001).

Posteriormente, organizamo-nos em roda e iniciamos a conversa. A extensionista mais experiente (em razão de já estar em seu segundo semestre no projeto), assumiu a função de conduzir esse primeiro encontro, por estar mais familiarizada com o espaço e com alguns dos participantes, enquanto as demais também intervieram de forma ativa, mediando e comentando. A técnica proposta foi sugestão de uma extensionista novata que já havia feito um trabalho de extensão com oficinas psicossociais, ela consistiu na distribuição de papéis e canetas para que os recuperandos escrevessem suas expectativas e os temas de interesse a serem abordados ao longo do semestre. É fundamental ressaltar que, como aponta Afonso (1999, p. 1), “a oficina também se diferencia de um grupo de terapia, uma vez que se limita a um foco e não pretende a análise psíquica profunda de seus participantes”. Nesse sentido, a proposta metodológica das rodas foi comunicada como um espaço de escuta qualificada e expressão simbólica, ainda que obrigatória para os recém-chegados à APAC. No entanto, a obrigatoriedade foi relativizada a partir da abertura e liberdade propostas no manejo, o que visava fomentar a implicação subjetiva dos participantes (Pichon-Rivière, 2005).

A partir disso, foram feitas perguntas aos participantes sobre os temas que gostariam de discutir, se teriam interesse em atividades complementares às rodas de conversa, e se estariam dispostos a compartilhar verbalmente suas expectativas. Alguns recuperandos se manifestaram espontaneamente; outros se limitaram a comentários pontuais. A maioria, entretanto, expressou preferência por temas previamente estruturados pelas extensionistas. Ainda assim, enfatizou-se que novos temas poderiam ser propostos a qualquer momento, de modo a preservar o caráter participativo e dinâmico das rodas.

Dessa forma, o primeiro encontro realizado na instituição neste semestre teve como objetivos apresentar as novas extensionistas, iniciar a formação do vínculo com os recuperandos e com o Projeto como um todo, além de esclarecer o funcionamento das rodas. Esse contato inicial permitiu uma escuta mais atenta ao grupo e um conhecimento de campo, bem como das angústias e demandas emergentes do grupo-alvo a partir do que foi escrito nos papéis entregues com as sugestões de temas. Assim, as informações colhidas nesse momento inaugural subsidiaram as reflexões e intervenções nas rodas subsequentes, mediante um manejo flexível e responsivo às necessidades coletivas e individuais, em consonância com os fundamentos da escuta implicada e da função continente do grupo (Afonso, 2018; Kaës, 2005).

3.2 Roda de conversa com o tema “Saudade”

Seguindo a estrutura proposta para o desenvolvimento das oficinas, utilizou-se, como momento inicial de acolhida e quebra-gelo, a técnica denominada “superpoderes”, na qual os participantes foram convidados a revelar um superpoder que gostariam de possuir. Surgiram, assim, desejos como voar, parar ou retroceder o tempo para corrigir erros, ser a pessoa mais forte do mundo, controlar o outro, tornar-se invisível, entre outros. Percebemos que essas respostas estavam muito associadas a condição de privação de liberdade, como a simbologia em “voar”, o “corrigir erros” e o “tornar-se invisível”, que foram respostas que se repetiram com uma alta frequência. Foi um momento de descontração muito eficiente, pois a grande maioria dos recuperandos deu uma resposta, também sugeriram comentários e risadas de algumas respostas e uma questão se levantou por eles: “quais daqueles poderes estariam sendo usados para prejudicar outras pessoas?” A indagação foi trabalhada pelas extensionistas que conduziram a roda o que levou a uma reflexão do grupo: “Isso dependeria das intenções da pessoa que usasse o poder”.

De modo geral, a condução dessa primeira atividade revelou anseios com íntima relação a sentimento de insegurança, arrependimento e desejo de reparação. Ademais, foi possível perceber maior afinidade entre alguns recuperandos, assim como certa desaprovação dirigida a outros por parte do grupo, o que se manifestava nas falas e comportamentos emitidos quando determinados participantes se pronunciavam. À vista disso, vimos que foi “possível elaborar essas experiências através da troca de informações, da produção de insight, da identificação, das reações em espelho e da rede transferencial” (Afonso, 1999, p. 6).

Posteriormente, iniciou-se de fato a técnica central proposta para aquele encontro, que utilizou a letra da música *Poema*, de autoria de Cazuzza e Roberto Frejat, interpretada por Ney Matogrosso – cantor, intérprete, dançarino, ator e diretor brasileiro. Após a música ser lida por uma extensionista e tocar para todos, a proposta consistia em que cada participante compartilhasse o que significava, para si, o sentimento de saudade. O objetivo foi proporcionar um momento de reflexão e expressão sobre essa experiência subjetiva, enquanto as extensionistas, por meio da escuta atenta e qualificada, ofereciam o suporte psicológico necessário.

Como esperado, as associações em torno da palavra “saudade” remeteram, em sua maioria, a vivências passadas, o que dialoga com a ideia de Nascimento e Menandro (2005, p. 11), para quem “o elemento saudoso presente em diversas falas sobre a infância aponta que os

sujeitos, ainda que de forma diferente, avaliam e tomam partido hoje na disputa entre o seu passado, mesmo que duro, e o presente, mesmo que incerto”. Entre as manifestações emergiram falas relacionadas à “saúde da liberdade”, anterior à institucionalização, bem como da família e da ausência em momentos significativos, como o aniversário de um filho, conforme relatado por um dos participantes. Era nítida a presença do sentimento de tristeza, mas também o esforço de disfarçar vulnerabilidades, frequentemente perceptível no modo como a maioria se expressava.

Durante a execução da técnica, reforçou-se que a participação não era obrigatória, ainda que se enfatizasse a importância e o valor da escuta e da fala compartilhada. A dinâmica demonstrou cumprir seu objetivo, visto que alguns participantes, ainda que não compartilhassem em voz alta suas experiências, dialogavam com os colegas ao lado, sinalizando implicação subjetiva e envolvimento. Percebemos que esses homens, privados de liberdade, tinham muitas histórias, sentimentos e experiências de vida que carregavam ali dentro sem ter onde descarregar; esse espaço foi muito rico, porque ali eles expuseram diante dos companheiros situações pessoais e de certa vulnerabilidade; a escuta aconteceu de forma respeitosa e ficamos surpreendidas com a forma que a palavra circulou ali.

Diante disso, e a partir da reunião de supervisão em que se analisaram os acontecimentos e o funcionamento grupal, compreendeu-se a necessidade de propor futuras dinâmicas que abordassem temas como família e liberdade – temas que emergiram espontaneamente durante a oficina. Outro ponto que se mostrou relevante foi o incentivo à produção criativa pelos recuperandos fora do espaço formal da roda, especialmente textos e reflexões que pudessem ser compartilhadas nos encontros subsequentes, promovendo continuidade simbólica e subjetiva entre os encontros.

3.3 Roda de conversa com o tema “Família”

Inicialmente, conforme acordado previamente em supervisão e com os participantes da roda, convidamos aqueles que haviam produzido algum escrito sobre o tema anterior (família) a compartilharem suas produções, caso assim desejassem. Um dos participantes, ainda que tenha expressado receio de ser mal interpretado (uma vez que seu texto abordava tópicos relacionados ao relacionamento entre homem e mulher), decidiu apresentar sua produção ao grupo. A partir de uma escuta atenta a esse material, foi possível observar aspectos singulares de sua subjetividade, bem como sua íntima articulação com questões de ordem religiosa e

afetivo-sexual. Essa observação serviu como conteúdo para compreensão do caso desse recuperando, que era atendido no espaço de escuta individual.

Seguindo o cronograma previamente estabelecido, e conforme já se tornara costume nas rodas, foi apresentada a técnica de quebra-gelo denominada “História continuada”. O facilitador inicia uma narrativa com uma frase, por exemplo, “Era uma vez, em uma pequena cidade...”, e os demais participantes devem continuar a história de forma improvisada, até que todos tenham contribuído. Naquele dia, a facilitadora responsável deu início com: “Era uma vez uma linda princesa...”, e a narrativa transcorreu de maneira lúdica e descontraída. Alguns recuperandos optaram por “pular” sua vez de participação, sendo que alguns desses também não haviam comparecido à roda anterior.

A história acabou se tornando de uma princesa presa em uma torre, e um príncipe desajeitado que tentava salvar a princesa, enquanto alguns recuperandos insistiam em fazer o príncipe chegar para livrar a princesa daquela situação, outros tentavam dispersar ao máximo a história, tonando quase impossível que o príncipe chegasse até ela; alguns mudavam a imagem da princesa que às vezes era bonita, outras era horrível. O fim da história foi a princesa feia salvando a si mesma, encontrando o príncipe, que também era feio e vivendo uma vida “normal”. Foi curiosa a construção que fizeram dessa história, tratando-se de uma princesa que estava presa, é algo comum na literatura como no conto da Rapunzel, mas a escolha dessa narrativa por eles pode ser vista de uma maneira simbólica. Também foi curiosa a forma com que alguns tentavam fazer a princesa ser salva, enquanto outros a afastavam desse destino, fazendo com que ela continuasse presa na torre.

Na sequência, com o intuito de introduzir gradualmente a temática central daquele encontro, foi aplicada a dinâmica adaptada “DNA – Herança Genética”. Entregaram-se folhas A4 aos participantes, com a instrução de que as dobrassem ao meio, refletindo, durante esse processo, sobre uma pessoa que considerassem como família, para então desenhá-la. Na primeira parte, deveriam representar essa pessoa tal como a percebiam (tempo estimado: sete minutos). Posteriormente, no verso da folha, desenhariam a si próprios, também em sete minutos. Para essa atividade, utilizaram-se mesas e materiais como papel, lápis e giz de cera, o que foi bem acolhido pelos participantes, após um pequeno momento de hesitação em que alguns relataram não saber desenhar, mas as extensionistas reforçaram que não seria importante a beleza do desenho, mas sim, o conteúdo.

As representações gráficas feitas na primeira parte da dinâmica remeteram, majoritariamente, a figuras do passado, como a avó “era a avó que puxava minha orelha na infância, o que me marcou muito”, conforme relatado por um dos participantes, ou a pessoas

falecidas que evocavam sentimentos de saudade. Outros optaram por retratar filhos, parentes e amigos próximos. Tais lembranças evocadas por meio da técnica dialogam com a proposição de Miranda (2015, p. 662), ao afirmar que “os condenados são convidados a experimentar um constante ir e vir às vivências do passado e do presente, otimizando esforços para o processo de mudança de significados e objetivos”. Percebemos que alguns relatavam muita saudade da família, alguns desses recebiam as visitas das pessoas que desenharam, como filhos e mães, enquanto outros evocavam figuras da infância ou pessoas significativas que não pertenciam ao núcleo familiar propriamente dito. Essa constatação nos remete à complexidade das relações familiares no contexto do encarceramento, especialmente quando inseridas no modelo APAC, que elege a família como um dos pilares fundamentais do processo de ressocialização. No entanto, o cárcere frequentemente impõe um afastamento desses vínculos, seja pela dificuldade dos familiares em lidar com o crime cometido – muitas vezes envolvendo membros da própria família –, seja pela distância geográfica, pelas rupturas afetivas precoces ou ainda pela dificuldade em manter laços diante do longo tempo de reclusão.

Na segunda parte da atividade, os participantes foram convidados a refletir, a partir do desenho de si mesmos, sobre as características compartilhadas com a pessoa representada anteriormente e, em seguida, a pensar se acreditavam ser vistos por essa pessoa da forma como desejariam ser percebidos. As conclusões manifestadas evidenciaram muitas semelhanças entre os dois sujeitos desenhados, especialmente no que se referia a traços de comportamento, personalidade e preferências. A partir dessa dinâmica, emergiram diversas reflexões e interações. Alguns recuperando relataram que os temas trabalhados nas rodas provocavam reflexões contínuas ao longo da semana, mesmo entre aqueles que, por vezes, optavam por não se manifestar verbalmente durante o encontro. Relataram ainda dificuldades pessoais em se expressar após longos períodos no sistema fechado, revelando que, na metodologia da APAC, estão gradativamente sendo convocados a desenvolver formas mais abertas de comunicação interpessoal.

Por meio da temática família e de seus múltiplos desdobramentos, foi possível observar que, no contexto do encarceramento, instauram-se códigos próprios de conduta e formas específicas de controle da vida subjetiva. Como afirmam Gonçalves, Ribeiro e Ventura (2015), o sujeito em privação de liberdade elabora modos particulares de reorganizar sua experiência e sua identidade, mas a família faz parte de maneira muito intensa dessa construção, especialmente nesse contexto. Diante disso, foi possível constatar nas falas dos participantes o esforço de simbolização das vivências relacionadas ao cumprimento da pena, o que, como

aponta Miranda (2015), revela tentativas psíquicas de elaboração e reconstrução de si diante da experiência carcerária.

3.4 Roda de conversa com o tema “Liberdade”

Como observado pelas extensionistas nos encontros iniciais, o tema da liberdade surgia de forma recorrente nos diálogos estabelecidos com os recuperandos. Diante disso, optou-se por abordá-lo em uma das rodas de conversa. O discurso da liberdade mostrou-se profundamente representativo das falas ouvidas, nas quais o anseio pela libertação não se restringia apenas à dimensão física, mas também evocava o resgate da autonomia subjetiva da capacidade de agir, desejar e existir fora das determinações institucionais.

O início da roda foi com a pergunta “quebra-gelo”: “Se vocês pudessem estar em qualquer lugar agora, onde você estaria?”. As respostas foram variadas como esperado, algumas delas foram praia, casa de familiares, sítios, cachoeira e entre outros, muitos deles especificaram mais com alguns *hobbies* que têm, foi um momento bom de descontração em que houve muitas risadas e comentários. Essa técnica abriu para a introdução do tema liberdade. Dessa forma, durante o curso da roda, foram exploradas diferentes concepções de liberdade, respeitando as múltiplas compreensões que cada sujeito elaborava a partir de sua história singular. Para muitos, a liberdade era associada ao direito de “ir e vir” segundo sua vontade, assim como à possibilidade de retomar práticas cotidianas anteriormente habituais, como o consumo de bebida alcoólica – atividade vedada no interior da instituição. As discussões correram de forma livre, buscou-se fazer com que a fala fosse livre, sem uso de outras técnicas.

O conceito de liberdade foi discutido e houve discordâncias quanto ao que é ser livre, mesmo que eles tenham conduzido muito para a questão da privação de saída no contexto prisional, chamamos atenção para algumas falas que ressaltavam que existiam limitações em outras coisas como expressar o que de fato sentimos, levantando a questão de se eles acreditavam ser livres para fazer tudo o que viesse à mente. A partir dessas discussões iniciais, uma das extensionistas compartilhou a trajetória de Viktor Frankl e sua concepção de liberdade tal como desenvolvida na obra *Em busca de sentido* (2008). A provocação, no entanto, gerou questionamentos e divergências quanto à perspectiva do autor sobre o conceito. A estagiária contou sobre o relato em que Frankl (2008) falava sobre a escolha dos prisioneiros do campo de concentração quanto a comer ou não a sopa que era oferecida, o que falava da liberdade de escolha, mesmo que extremamente pequena e violenta, no contexto da prisão. Essa passagem causou muitas discussões controversas, alguns diziam que fazia sentido e outros que isso era irracional e que essas pessoas estavam fora de si. Tais reações revelaram não apenas os

diferentes pontos de vista entre os membros do grupo, como também possibilitaram o reconhecimento de afinidades e interseções, especialmente em relação às crenças e experiências subjetivas de cada um.

Não foi planejada a condução da roda por meio dessa perspectiva de Frankl, mas recuperamos a concepção de Mahfoud (1987 p. 75 *apud* Guedes, 2006, p. 562), segundo a qual “o sistema pede uma disponibilidade para se defrontar com o não planejado e com a possibilidade de que o encontro seja único”. Essa perspectiva contribui para compreendermos como os diálogos e trocas nas rodas de conversa emergem de forma espontânea e criativa, desafiando estruturas rígidas e permitindo a abertura de um espaço singular de escuta, construção simbólica e elaboração subjetiva.

3.5 Roda de conversa com o tema “Preconceito”

Essa roda se iniciou de maneira diferente; um dos recuperandos trouxe um poema que escreveu sobre a roda passada, com o tema “liberdade”, ele quis ler para todos e foi um momento muito legal, o poema falava da sua vivência e de como sentia liberdade. Para a atividade proposta com o tema preconceito, as facilitadoras designadas para conduzir a roda naquele dia propuseram, inicialmente, a escuta de uma música do grupo Racionais MC’s, conjunto musical do gênero hip-hop/rap, estilo que já havia despertado o interesse dos recuperandos em conversas anteriores. Durante a execução da canção, alguns participantes acompanharam a letra e até a entoaram, embora também tenham ocorrido diversas conversas paralelas nesse momento e desconhecimento de muitos da canção.

Posteriormente, iniciou-se o diálogo com algumas perguntas disparadoras, tais como: “O que é preconceito?”, “O que é estereótipo?”, “O que é discriminação?”. A partir dessas provocações, surgiram múltiplas respostas e reflexões, sendo uma delas intensamente debatida: a questão de como o preconceito, mesmo após o cumprimento da pena, continua a marcar a trajetória desses sujeitos, que frequentemente são rotulados como “ex-presidiários”. Os recuperandos comentaram que tal estigma social pode representar um obstáculo significativo para o reingresso no mercado de trabalho, fator que pode ser decisivo na reorganização subjetiva e na reconstrução de um projeto de vida.

Um questionamento marcante que emergiu foi sobre como nós, estudantes de Psicologia e participantes do Projeto, veríamos os recuperandos caso os encontrássemos futuramente na rua. “Será que iriam nos valorizar? Cumprimentar?”, perguntou um deles. Tal indagação nos levou a refletir sobre a dimensão do olhar do outro – do Outro – como lugar de julgamento ou

acolhimento. Nesse contexto, foi possível perceber que o sujeito encarcerado, mesmo antes de sua liberdade formal, já se angustia com o preconceito que poderá sofrer ao sair da instituição. Isso evidencia um movimento subjetivo que transita entre o lugar conhecido – embora limitador – da instituição e o desconhecido representado pelo mundo externo, muitas vezes hostil e indiferente (Benelli, 2014). Foi muito frutífera a discussão, em que algumas extensionistas optaram por responder à pergunta e outras por trazer outras camadas sobre ela. Ainda surgiram outros pontos de vista como em relação ao machismo, racismo e outras formas de preconceito. Percebemos que eles já falavam muito a esse ponto do Projeto, traziam contribuições e estavam habituados à roda.

A roda de conversa sobre preconceito marcou o último encontro do semestre e ocorreu em tempo reduzido, visto que os recuperandos solicitaram parte do tempo para nos apresentar uma “surpresa” que haviam preparado. Por meio de um vídeo contendo registros fotográficos dos encontros e mensagens de gratidão dirigidas aos extensionistas, concluímos, com emoção, aquele ciclo de trabalho. Assim, foi possível refletir, sobre os efeitos subjetivos produzidos pela transferência estabelecida no campo relacional. Como apontado por Freud (1996), a transferência é o campo em que os sujeitos, ao encontrarem escuta e possibilidade de elaboração, podem rearticular vivências traumáticas, mobilizando transformações psíquicas significativas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise e discussões apresentadas neste artigo, fundamentadas na experiência das extensionistas no projeto de extensão “Escuta Psicológica no Sistema Prisional”, evidencia-se a relevância dessa prática no contexto prisional no modelo APAC. Encerramos destacando o quanto nos surpreendeu a potência das rodas de conversa como dispositivo clínico-político no contexto do modelo prisional na APAC Santa Luzia. Foi marcante perceber como homens, em sua maioria encarcerados há anos, puderam encontrar ali um espaço onde a fala circulou de maneira livre, e a escuta qualificada possibilitou que conteúdos subjetivos profundamente enraizados emergissem. Como pontua Afonso (1999), é na rede transferencial e nas reações em espelho que se torna possível a elaboração de experiências e a produção de sentido. Nesse contexto, testemunhamos momentos marcantes em que homens que, em meio às violências simbólicas do cárcere, puderam falar de suas dores, compartilhar vivências pessoais, expressar sentimentos, derramar lágrimas e até lerem poemas autorais, desconstruindo, assim, concepções cristalizadas e por vezes preconceituosas sobre o universo prisional e sobre a masculinidade.

Como destaca Connel e Messerschmidt (2013), os modelos hegemônicos de masculinidade tendem a reprimir manifestações emocionais, sobretudo entre homens, e especialmente em ambientes como o cárcere, onde a vulnerabilidade é frequentemente confundida com fraqueza.

Entretanto, o trabalho também apontou alguns impasses vivenciados no cotidiano da prática extensionista, como a dificuldade de incentivar a participação de todos os recuperandos nas rodas de conversa, bem como a necessidade constante de adaptação das técnicas de quebra-gelo e oficinas. Tais desafios conduziram as extensionistas a sustentar o manejo das rodas com base na metodologia de Lúcia Afonso, que se mostrou uma estratégia eficaz diante das especificidades do público atendido.

Diante disso, compreendemos que o campo da Psicologia se afirma como fundamental nesse ambiente, ao favorecer a escuta do sofrimento psíquico, a elaboração simbólica das experiências e a construção de laços de confiança entre os sujeitos. Observamos, inclusive, que algumas falas relatavam o fortalecimento de vínculos afetivos no próprio grupo, o que, à luz da perspectiva grupal e institucional, revela avanços importantes no manejo subjetivo da pena e das relações interpessoais nesse contexto (Gonçalves; Ribeiro; Ventura, 2015; Miranda, 2015).

Reconhecemos, ainda, as limitações inerentes a este relato de experiência. Por essa razão, sugerimos ao corpo acadêmico que se dedica à pesquisa sobre a atuação psicológica em contextos prisionais a ampliação dos estudos com abordagens mais robustas e sistematizadas sobre o tema. Como lacuna, apontamos que este trabalho não adentrou em análises mais aprofundadas sobre as produções textuais ou falas específicas dos participantes. No entanto, compreendemos que esse poderá ser um passo em futuros estudos, visto que nesse primeiro momento nosso objetivo foi relatar e sistematizar o processo metodológico da escuta em grupo, evidenciando os efeitos clínicos e éticos que tal prática produziu.

Ademais, destaca-se que o projeto contribui não apenas para o fortalecimento da atuação da Psicologia nas APACs, mas também para a formação teórica, ética e prática das estudantes envolvidas, potencializando sua trajetória acadêmico-profissional, especialmente nos campos da Psicologia Prisional, Social, de Grupos e Instituições. Trata-se, portanto, de uma iniciativa que, além de gerar impactos positivos na realidade social, alinha-se aos princípios da política de extensão universitária e à função social da Psicologia.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria Lúcia. **Oficinas**: uma abordagem psicossociológica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

AFONSO, Maria Lúcia. **Oficinas em contextos de vulnerabilidade social**: uma abordagem psicossociológica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2018.

BENELLI, SJ. Goffman e as instituições totais em análise. In: **A lógica da internação**: instituições totais e disciplinares (des)educativas [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2014, pp. 23-62.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan./abr. 2013.

FBAC. **Os 12 elementos**. [s.d.]. Disponível em: <https://fbac.org.br/os-12-elementos/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FREUD, Sigmund. A dinâmica da transferência. In: FREUD, Sigmund. **Escritos sobre a técnica da psicanálise (1911-1915)**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GONÇALVES, Paula Teixeira; RIBEIRO, Daniela de Figueiredo; VENTURA, Carla Aparecida Arena. O percurso de vida de ex-presidiários: reflexões sobre prisão e desenvolvimento humano e social. **Revista Perspectivas do Desenvolvimento**: um enfoque multidimensional, [s. l.], v. 3, n. 4, jul. 2015.

GUEDES, Marcela Ataíde. Intervenções psicossociais no sistema carcerário feminino. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 26, n. 4, p. 558-569, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/YnNMx5wfKnM8374crVQnMBS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 maio 2025.

KAËS, René. **O grupo e o sujeito do grupo**: elementos para uma teoria psicanalítica do grupo. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MIRANDA, Sirlene Lopes. A construção de sentidos no método de execução penal APAC. **Psicologia & Sociedade**, [s. l.], v. 27, n. 3, p. 660-667, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/kJrZJX3ypbTPLS9BdQwLXxv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 maio 2025

NASCIMENTO, A.R.A.; MENANDRO, P.R.M. Memória social e saudade: especificidades e possibilidades de articulação na análise psicossocial de recordações. **Memorandum**, [s. l.], 8, p. 5-19, 2005. Disponível em:

<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos08/nascimenan01.htm> . Acesso em: 17 maio 2025.

OTTOBONI, Mário. **Recuperar o homem para a sociedade**. Belo Horizonte: Leitura, 2001.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. Pró-Reitoria de Extensão. **Política de Extensão Universitária da PUC Minas**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2006. Disponível em: <https://proex.pucminas.br/documentos-2/>. Acesso em: 13 maio 2025.

PRUDENTE, Neemias Moretti. Sistema prisional brasileiro: desafios e soluções. **Revista do Ministério Público Militar**, [s. l.], v. 38, n. 22, p. 309-322, 2023. Disponível em: <https://revista.mpm.mp.br/rmpm/article/view/321> . Acesso em: 13 maio 2025.